

ao meu irmão Pedro
pelo empenho e paciência com que me
tem acompanhado



paulo neves

Desta obra foram impressos 700 exemplares numerados e assinados pelo escultor.

Na ressaca do minimalismo internacional, Paulo Neves inaugura uma arte do reencontro com a terra e a vida, que se poderia inscrever nas novas primitividades da década de oitenta.

Não apenas pela temática das suas obras onde abundam anjos e outras figuras aureadas, mas pela própria situação telúrica.

A sua escultura poderia denominar-se *religiosa* pela condição antropológica, onde se confunde o útil e o sagrado. As esculturas de Paulo Neves, são na sua maioria, figuras antropomórficas, por vezes erectas, recolhidas, de olhos fechados ou abertos, mas severas e distantes.

São figuras de autoridade moral, são "santos".

O sentido religioso da sua obra, transcende a evocação morfológica para se afirmar na

assunção matricial da relação com o lugar, com a cultura e com a família; por isso o escultor é *religioso*, porque se religa com ele próprio e com o seu mundo através da arte. Este livro procura testemunhar os trinta anos da sua obra estética, compilando cerca de vinte peças que convocam sete temas auto-biográficos:

desenhar-se
religar-se
desejar-se
desconstruir-se
reconstruir-se
superar-se
reinventar-se



Paulo Neves

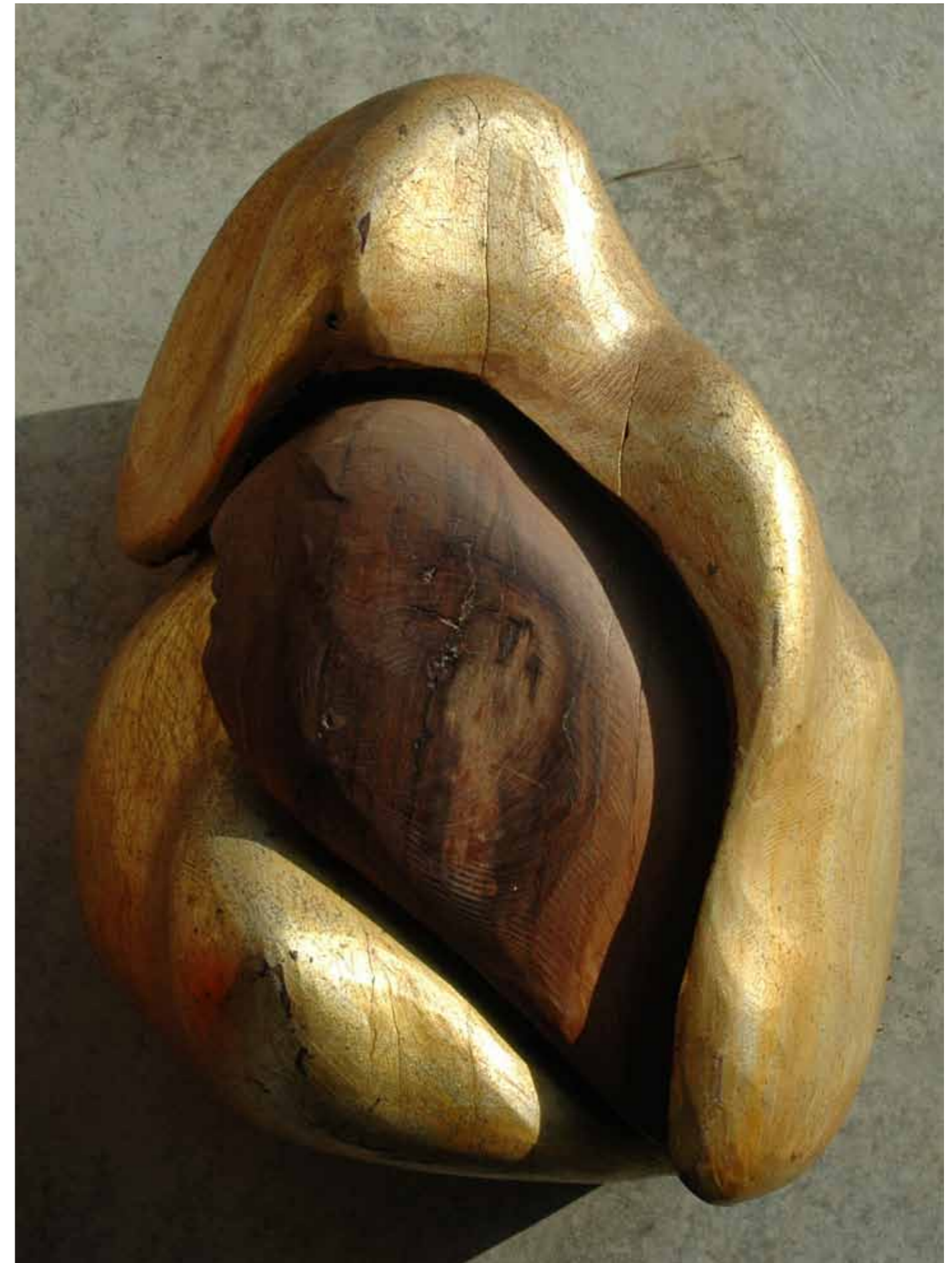
nascido no norte de Portugal em 1959, revelaria a sua maturidade artística durante a década de 90 do séc. XX, afirmando-se hoje como um escultor internacional de referência nacional incontornável. Com peças em diversas colecções portuguesas, Paulo Neves está também representado nos Estados Unidos, França, Espanha, Brasil, Holanda, Bélgica, Roménia, Austrália, Marrocos e Alemanha.

Embora tenha frequentado a Escola de Belas Artes do Porto, a sua aprendizagem é, na tradição moderna europeia, exclusivamente autodidacta. A expressão morfológica das suas peças apela ao *expressionismo* e ao *barroco*, embora a sua linguagem pareça totalmente original, construída à margem dos movimentos e tendências estéticas do seu tempo. Partindo muito jovem à descoberta do mundo pelas suas próprias mãos, Paulo Neves conheceu artistas, visitou museus, descobriu outros mundos, experiência sem dúvida determinante para a obra que viria a realizar.

Uma das personagens que visitou no passado (ainda que não se encontrem vestígios da sua contaminação) foi o escultor João Cutileiro, que o impressionou quer pela expressão de liberdade, quer pela obsessão com que se dedicava à realização da sua obra.

a sua linguagem
totalmente original
parece construída
à margem dos
movimentos e
tendências estéticas
do seu tempo





desenhar-se

Paulo Neves preferiu, quase sempre, trabalhar com materiais de proximidade; vivendo rodeado de pequenas matas, trabalhou com madeira, tanto em bruto como policromada (pinho, castanho, amieiro e sobretudo cedro); se algumas obras foram realizadas em madeiras estrangeiras, deve-se à sua proximidade com indústrias de transformação de madeira importada, que recuperava para a escultura os términos rejeitados.

Mais tarde, dando resposta a encomendas de escala monumental, trabalhou rochas directamente em pedreiras portuguesas, no continente e ilhas (granitos, mármore, calcários, basaltos e ardósias), espanholas, brasileiras e romenas.

Tem realizado também, em fundição de bronze, peças maiores ou múltiplas. Tendo começado por trabalhar em madeira de pequena escala (ao tamanho da lenha para o fogão, ou de pequenos toros), encontraria a sua escala mais frequente na dimensão humana, embora na sua obra pública recorra com frequência à monumentalidade megalítica.

A experimentação plástica de novas formas, cores e tecnologias, emerge com originalidade ao longo de toda a obra, onde se cruzam baixas e altas tecnologias, modelando em fibra de vidro, recortando aço em chapa, ou associando cerâmica à madeira, ao metal e à pedra.

O recurso às máquinas (*rebarbadora e moto-serra*) para dar forma ou desenhar a superfície, permitiu-lhe explorar recursos gráficos inéditos; tanto a aplicação antiga de ouro em folha sobre a madeira polida, como o seu recobrimento com óleo queimado, ou a aplicação de tintas acrílicas vibrantemente coloridas, são soluções recorrentes na sua obra, onde se evidenciam as antinomias elaborado / bruto, antigo / contemporâneo, tecnológico / natural, polido / texturado; As antropomorfias constituíram até ao séc. XXI o seu principal argumento escultórico; criaturas que dormem ou olham expectantes, finos perfis que emergem da massa informe do material em bruto ou pouco trabalhado, deixando a descoberto a preexistência da forma natural, em morfologias orgânicas, fetais e uterinas, ou geometrizadas e erectas.

São figuras de autoridade religiosa, são "santos". Os materiais e técnicas a que recorre, cumprem com coerência o mesmo desígnio de uma tecnicidade *primitivo-tradicional*, num território entre a celebração ritual e a representação artesanal; o acto de esculpir, em Paulo Neves, integra o mesmo ciclo existencial de um sistema arcaico e obsoleto (que é o da ruralidade), de nostálgica filiação à experiência mística, perdida no processo da actual secularização urbana. Assim parece a sua obra, toda *inventada quanto aos meios*. (Bernardo Pinto de Almeida)

criaturas
que dormem
ou olham
expectantes,
finos perfis que
emergem da
massa informe
do material em
morfologias
orgânicas,
fetais e
uterinas, ou
geometrizadas
e erectas.
São figuras
de autoridade
divina, são
"santos"









religar-se

Bernardo Pinto de Almeida em 1986, escrevendo sobre a sua obra, reconhece os indícios de uma *art brut*, dizendo a propósito: “virgem de eloquência ou de mensagens que não seja a da sua própria vontade de forma, sem direcção nem objectivos precisos, numa palavra, *inventada quanto aos meios e fins*, (...) parafraseando um dos maiores (autodidactas) que temos, Álvaro Lapa”. *Místico, nostálgico e telúrico*, Paulo Neves enuncia na sua obra três pecados originais da cultura portuguesa. Místico, não só pelos temas tratados onde abundam *divindades e criaturas celestes*; como nostálgico por convocar as ausências (quase sempre humanas) e evocando mais do que inventando; mas também telúrico pela força vital com que trabalha a matéria, celebrando com ela a partilha dionisiaca da natureza, os solstícios e os equinócios, mas sem representar a natureza; a escultura de Paulo Neves não é *naturalista*, pelo contrário, impõe-se pelos seus totens à paisagem natural, afirmando-se como criação *artificial*. Mas a sua racionalidade também não subsiste autónoma, nem subordina a

prática criativa, coabita-a em pequenos *festins da consciência*, para usar uma terminologia de Lapa.

Reconhece-se neste escultor uma unidade ancestral, ou *teimosia*, de ligar o que parece cada vez mais desligado: o corpo e a alma, o pensamento e o comportamento, o desejo e a contingência, a representação de um lugar onde o erro é integrado como beleza, e onde o domínio do desejo é ainda de natureza animista. O sentido religioso da sua obra, transcende a condição morfológica para se afirmar na assunção antropológica da relação com o lugar, com a cultura e com a família; por isso o *escultor é religioso*, porque se *religa* com ele próprio e com o seu mundo, através da arte.

A sua obra é dotada de um estranho e enorme sucesso, que se tem vindo a acentuar no tempo.

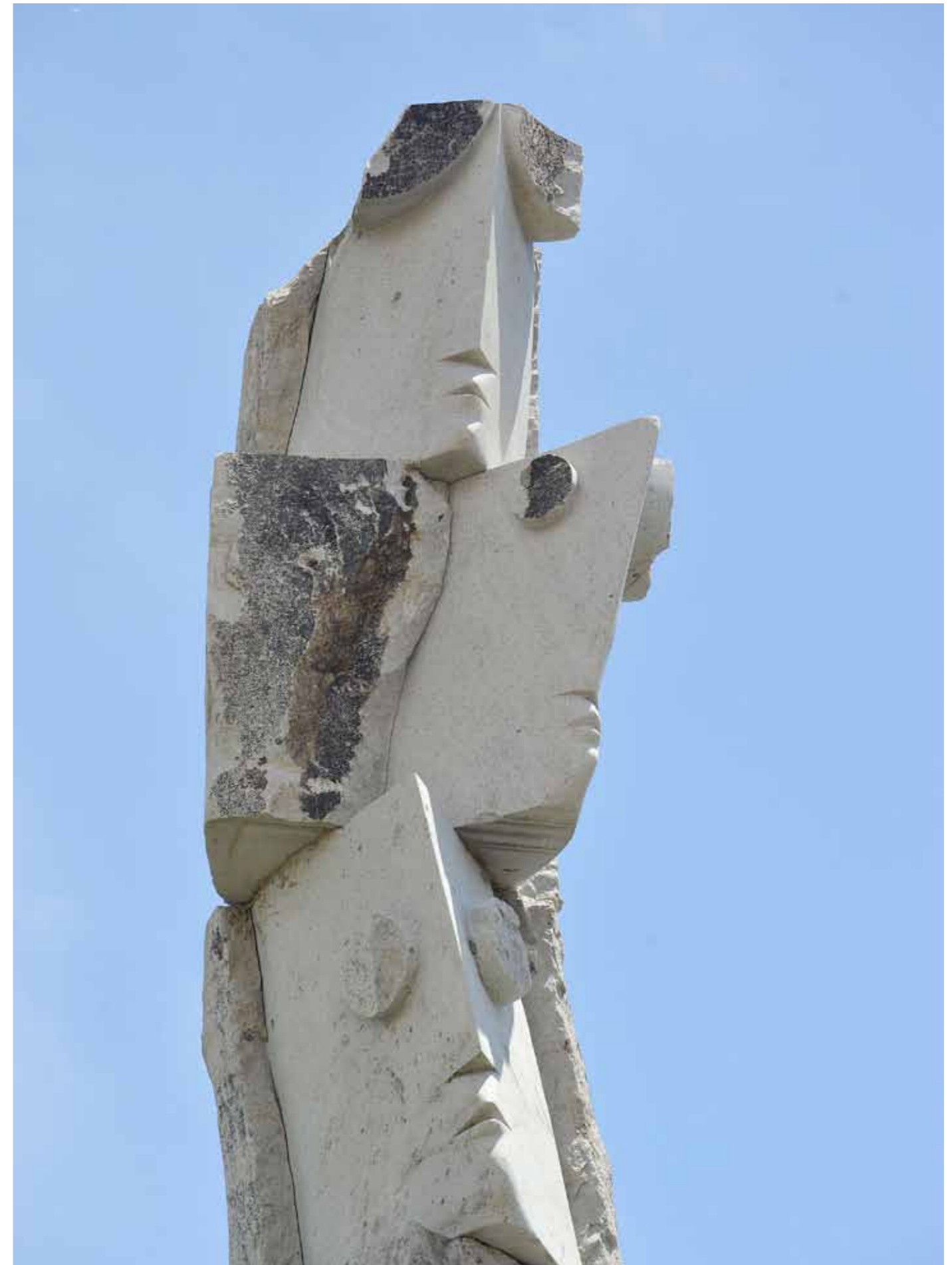
Talvez mais telúrico do que místico, o mesmo artista que desenha figuras no espaço com *moto-serra*, também celebra todos os ritos sazonais: a matança do porco no anúncio do inverno, as festas do calendário comum, mas também a *Santa Luzia* que dá protecção ao lugar, ou as primeiras *sardinhas* de junho, são motivo para “religar” a tribo, os amigos, os clientes, os galeristas, enfim o universo: uma arte sob o signo da festa e da liberdade, que contraria a autoridade que notamos na expressão de introspecção, indiferença e soberania das suas figuras antigas.

A representação do sacro e a *sagração do profano natural*, estão presentes na sua extensa obra desde sempre, não só pelo recurso ao ouro com que reveste figuras, mas pelo desenho das formas inspiradas no próprio material, conduzidas pelas suas fibras, numa relação de auscultação, menos tecnológica do que contemplativa.

reconhece-se uma unidade ancestral, ou teimosia, de ligar o que parece cada vez mais desligado: o corpo e a alma, o pensamento e o comportamento, o desejo e a contingência, a representação de um lugar onde o erro é beleza e o desejo é de natureza animista











desejar-se

A obra de Paulo Neves, apresenta-se afirmativa e renovadamente criativa, por acção da força contagiante do desejo. É o poder do desejo que o leva a experimentar o novo, sem conceitos prévios, sem criticismo, sem consciência, apenas tomado por uma obsessiva vontade de viver, evocando o antigo sacerdote na mediação artística entre a vida e a morte — *extrair a sensação da representação, fazendo dela uma matéria mais de experimentação do que de juízo, é também libertar a arte da visão da sua subordinação a conceitos ou discursos prévios*¹.

Apesar da relativa constância da sua obra, Paulo Neves surpreende-nos com frequência, superando o limite autoritário da origem e da linguagem, em manifestações singulares de criatividade técnica e desconcertante beleza, e assim dando prova à suspeita de *transcendência*, sobre a natureza de uma obra que se julga imanente. Como em Joseph Beuys, há na obra de Paulo Neves uma essência material que salva (respeitando os materiais na sua rudeza), e essa é a condição comum que os une, o mesmo fim *religioso* da ligação entre o homem e a natureza, pese embora a condição iconoclasta de Beuys em contradição com o figurativismo barroco de Neves.

A expressão artística de Paulo Neves persegue, pela vida interior, uma singularidade “individualizante”, origem da genuinidade da sua imagem, como um território de possibilidade para além do eu. A sua produção artística fala-nos disso, constituindo-se mais como meio da sensação e da vida do que da representação, preocupando-se menos em desvelar a verdade do que em criar a “possibilidade em sentido estético”. A obra de Neves, parece reiterar as palavras de Deleuze, ao confrontar as “formas da sensação”, enquanto possibilidades de experiência, e a “teoria da beleza”, como realidade reflectida. A sua obra parece *conseguir a reunião destes dois lados da estética, ligando a sensação à experimentação de modo que “a sensação seja revelada na obra de arte ao mesmo tempo que a obra surge como experimentação”*².

As suas peças pertencem mais à categoria da instalação do que da escultura, ao jogarem ludicamente com o espaço e com o público.

Ainda recorrendo a Deleuze, o “óptico” e “háptico” conduzem a dois tipos divergentes de visão e espacialização. O espaço háptico de Neves antecipa o afastamento óptico da arte moderna, nas relações entre figura-fundo, olho e mão, das heranças da *gestalt*, propondo uma relação com o leitor menos retineana do que corporal, ou seja, mais feita para apalpar do que para olhar.

¹ Rajchman, John, *As ligações de Deleuze*, ed. Temas e debates, actividades editoriais, Lisboa, 2001, p.136.

² Idem, p.135.

a sua
produção
artística
constitui-se
mais como
meio da
sensação
e da vida
do que da
representação,
preocupando-se
menos em
desvelar a
verdade do
que em criar a
*possibilidade
em sentido
estético*







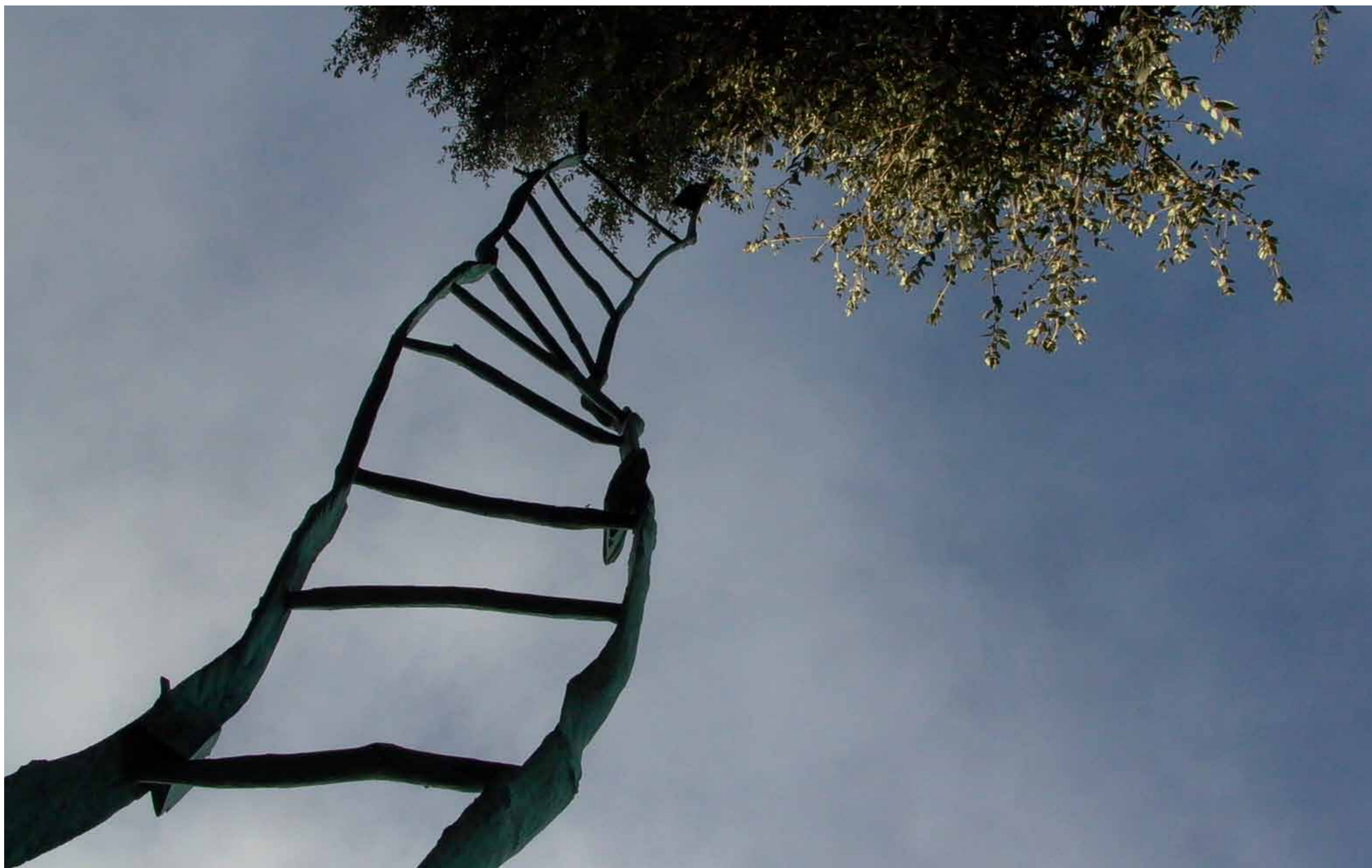
desconstruir-se

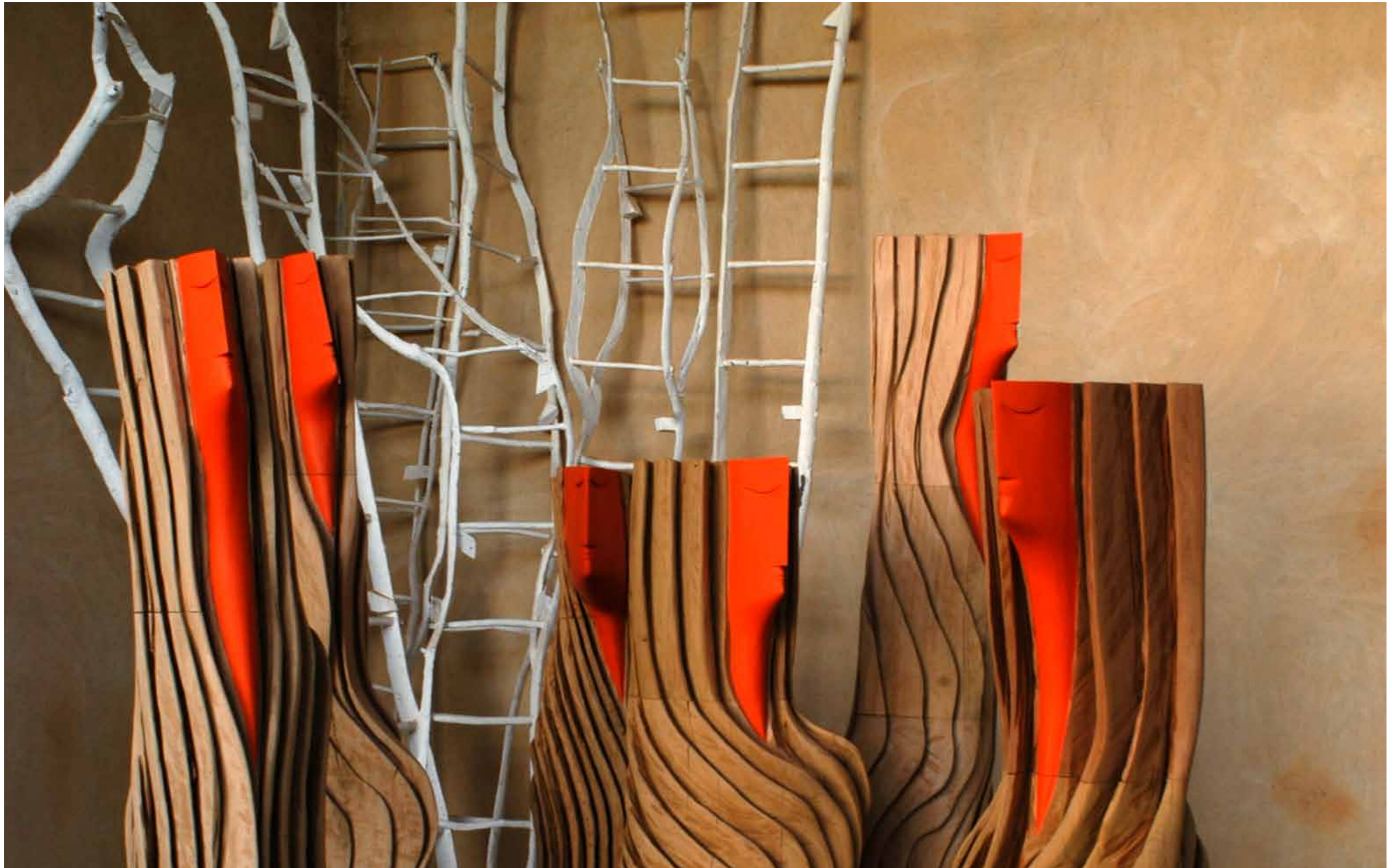
Ao esculpir uma escada para o céu — artefacto citado na Bíblia como tendo sido sonhado por Jacob e destinado a entrar e sair do céu, em perpétuo *estado de graça* — recorrendo ao mesmo processo vulgarmente adoptado na ruralidade nortenha para a construção das escadas de vindima, Paulo Neves criou uma série de *objectos* que se contorcem e bifurcam em direcção ao céu, (explorando a forma em prejuízo da funcionalidade), multiplicando as ramificações de destino, como possibilidades da dispersão e de multiplicidade.

São escadas que acentuam a duração do percurso, em vez de o reduzirem; são objectos para a vida da existência (subsistência) do caminho para Deus e não para a morte (chegada a Deus); são escadas do defeito e do erro, construídas “entre” o céu e a terra. Mas na origem teológica do tal sonho, estava a benção de Deus à tribo de Jacob, que agora se dissemina em multiplicidade, diz o livro. Alguns artistas projectam na obra uma emoção estética experimentada (por vezes experimentada durante a própria produção artística), outros constroem obras

tecnicamente capazes de produzirem emoções estéticas em terceiros: a obra que se desvincula do contexto biográfico para se afirmar como coisa em si. O escultor Paulo Neves diz pertencer a este segundo grupo, o das obras *aristotélicas*, isto é, das máquinas vocacionadas à produção de emoções; das máquinas desenhadas para intervir e mudar a percepção das coisas. Uma escada, ainda que feita de freixo é um objecto artificial agente de cultura e instrumento de funcionalização. Mas as escadas de Neves não servem as vindimas, são funcionalmente inúteis; são metáforas de desconstrução.

São escadas que acentuam a duração do percurso... são objectos para a vida da existência (subsistência) do caminho para Deus... são escadas do defeito e do erro, construídas “entre” o céu e a terra







reconstruir-se

Nas suas obras mais recentes (a partir da exposição na galeria Arthobler em novembro de 2005), surgem grandes superfícies sulcadas por espirais regulares que o autor identificou com padrões digitais designando-as por "Impressões", no duplo sentido da marca deixada por um corpo (geneticamente codificado), reflexo de um corpo cósmico ancestral em existência no tempo. Nestas texturas rompem volumes ortogonais com tampas que lembram *sacrários* ou *relicários*, dentro dos quais nos reconhecemos reflectidos em pequenos espelhos. Trata-se sem dúvida da convocação do homem ao seu desígnio natural, a tal *particulazinha da criação que deseja louvar o seu criador*, como dizia Aurélio Agostinho de Hipona no séc. IV; o seu criador é a vida. Ou como escreveu Valdimiro Nunes⁴, contrariamente à tradição totémica de peças monolíticas, *simbólicas de uma relação sagrada com a natureza*, em *Impressões*, Paulo Neves inverte os papéis: *o ónus da acção passa da escultura ao espectador*.

O humano torna-se sagrado, a impressão do corpo transforma-se em relíquia. As esculturas são impressões digitais, para serem vistas e sentidas com todos os sentidos. (...) Ao abrir as portas dos sacrários embutidos, só para descobrir num espelho a imagem de quem agora se torna sagrado.

O registo destes sulcos sobre a superfície da madeira, lembram campos arados e jardins Zen⁵.

O princípio da meditação Zen consiste no esvaziamento do eu, silenciando todos os pensamentos para encontrar a realidade e assim o verdadeiro ser, amoroso e compassivo – o conhecimento da realidade é a iluminação. Nos jardins Zen⁶, monges penteiam a gravilha com a ajuda de ancinhos, fazendo desenhos circulares em torno de pedras maiores, como quem espalha grãos de milho na eira ao sol; nas mais recentes peças de Paulo Neves, reconhece-se o mesmo exercício meditativo para o vazio de acesso ao conhecimento. De certo modo, podemos dizer que tais práticas são contra a palavra, ou da *palavra desnecessária*.

o mesmo
exercício
meditativo (zen)
para o vazio,
acesso ao
conhecimento.
De certo modo,
podemos
dizer que tais
práticas são
contra a palavra,
ou da palavra
desnecessária

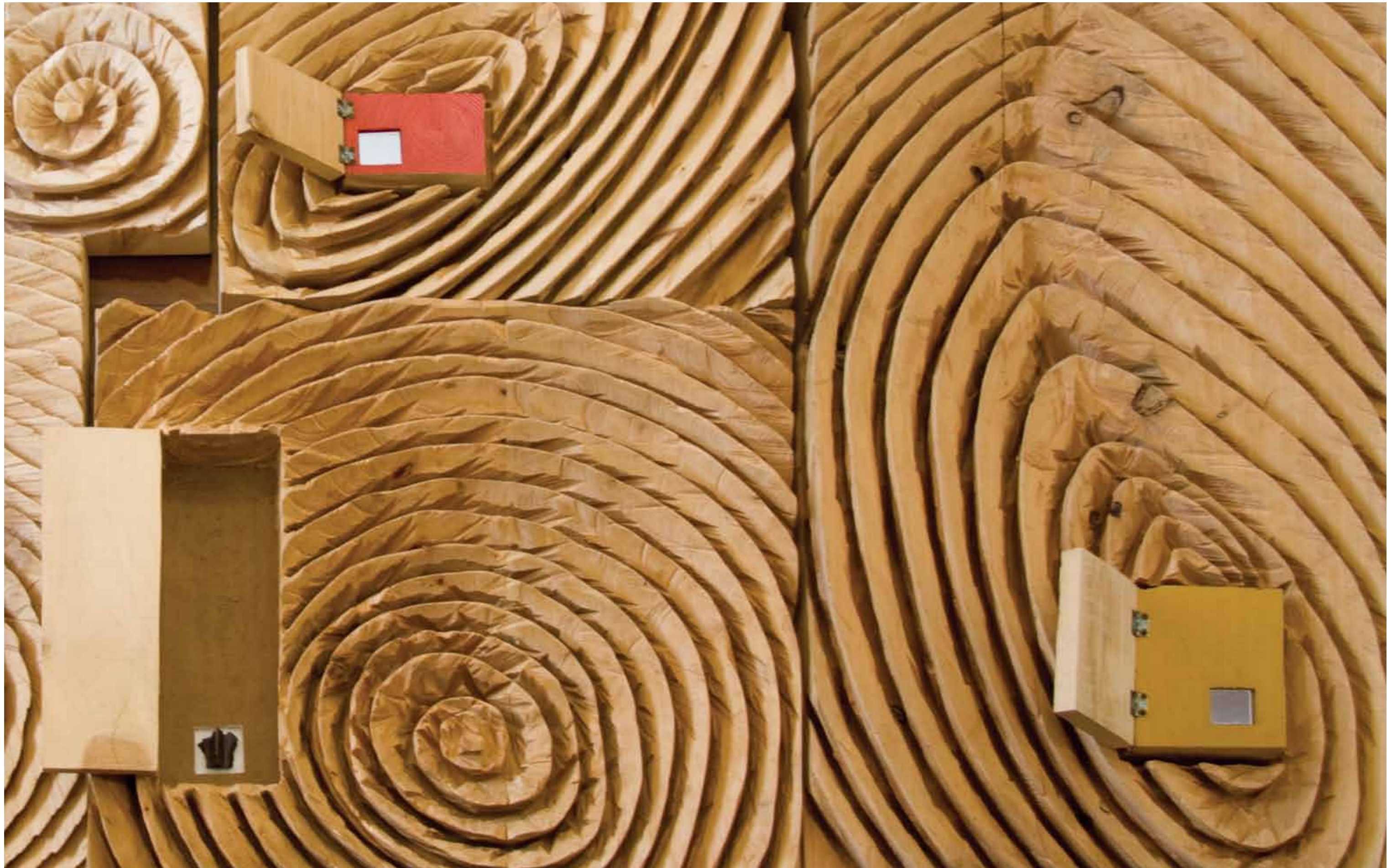
⁴ recensão à exposição *Impressões* de Paulo Neves na Galeria Arthobler no Porto, Revista Arquitectura e Vida, nº 66 Dezembro de 2005, pág. 96.

⁵ Na prática Zen, de inspiração budista (Mahayana), há duas vias para a revelação: a escola Soto alicerçada na meditação (zazen "meditação sentada") e a escola Rinzai fundada nos koans (aforismos desconcertantes que lançam a consciência numa perplexidade sem resposta).

⁶ O Zen tem uma longa tradição de trabalho meditativo, em actividades braçais, artes marciais ou noutras, como calligrafia, jardinagem ou na famosa cerimónia do chá.







superar-se

No tema gráfico de espirais lavradas sobre a superfície plana da madeira, vórtices que também são constelações e galáxias desenhadas em espirais, representa-se o tempo. O tempo *não finito*, encontrou recentemente na metáfora do anel de *möebius*, o argumento estratificado em grandes “rodas” de pedra apresentadas em Lisboa e acompanhadas por desenhos onde se projectam novas rodas, também gravados sobre ouro.

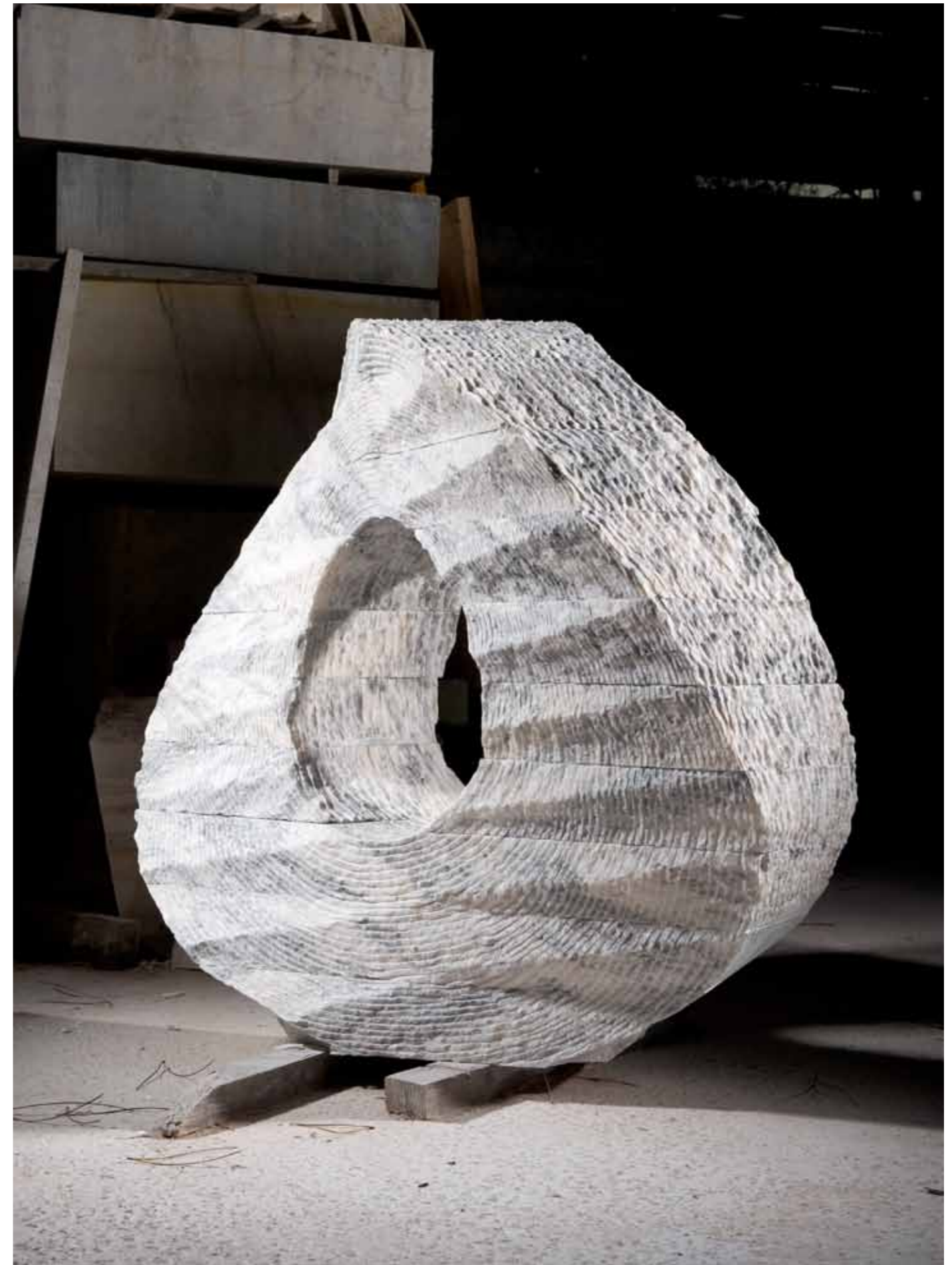
Fica a duração da existência física em lugar do culto às figuras — a superfície em vez do totem.

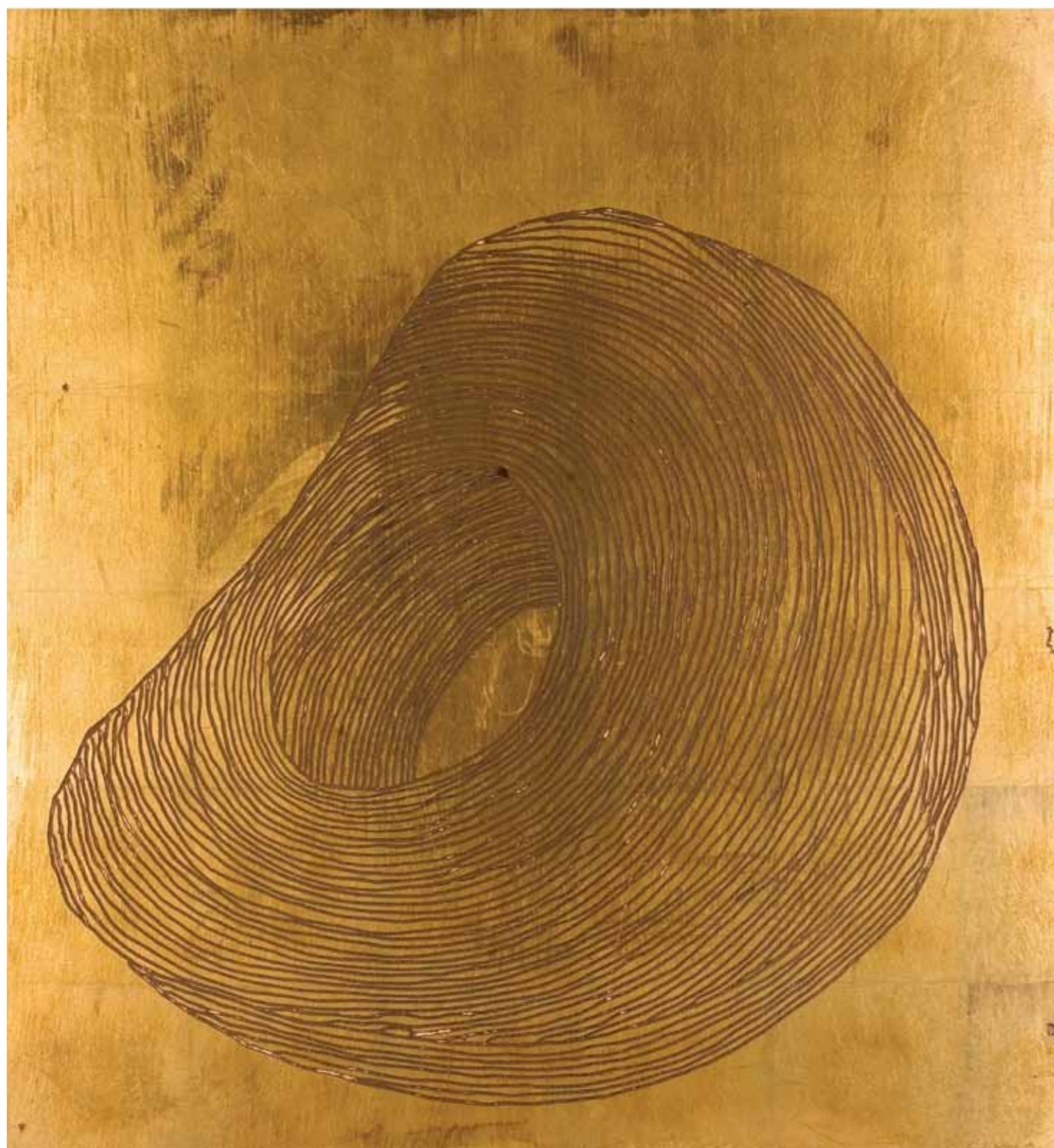
O tempo finito de velhos castanheiros centenários transmontanos, foi estendido ao infinito, *ressuscitado* pela instalação das suas secções horizontais, dispostas em lâminas verticais e unidos pela sequência progressiva das secções. “Ocos”, (palavra que deu nome à sua mais recente exposição no Porto), acusa a ausência do interior, representado pelo conjunto de anéis negros em madeira, onde curvas paralelas desenharam os anos do tempo sem fim, em torno de um núcleo ausente (devoluto) e assim dispensando mais ícones ao tempo.

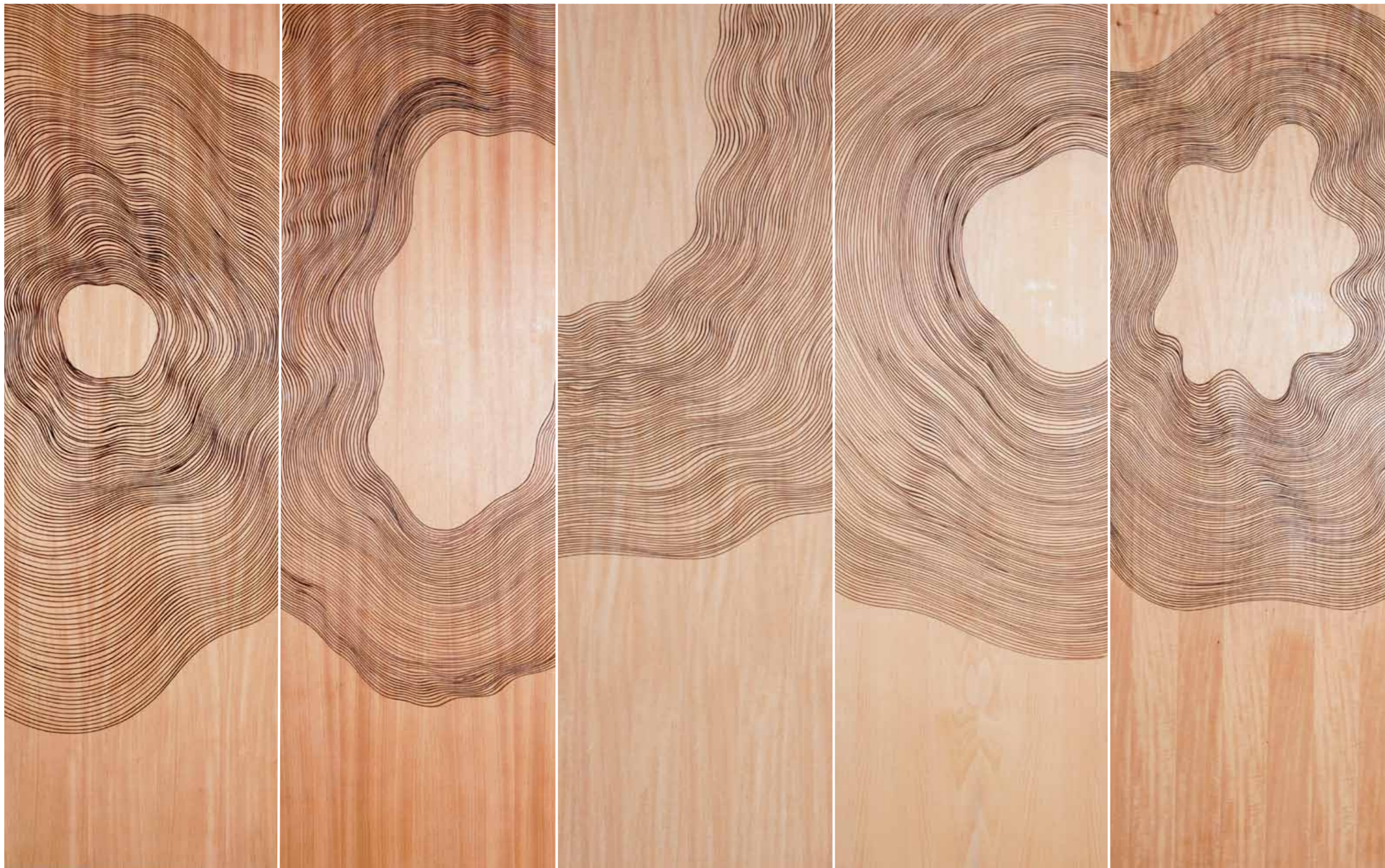
O escultor Paulo Neves, mais do que representar a arte, como o fizeram os modernistas, serve-se dela para produzir no tempo o seu domínio de liberdade: também *inventando a sua arte quanto aos fins*, portanto.

menos do que
representar a
arte, como os
modernistas,
serve-se dela para
produzir no tempo
o seu domínio de
liberdade: também
*inventando a sua
arte quanto aos fins*













reinventar-se

Lembrando cascas abandonadas, casulos sem sementes... surgem em 2011 caixas contentoras talhadas directamente de troncos de cedro amarelo e perfumado; apresentando pelo exterior uma textura orgânica digital, como certos órgãos escondidos fecundam no interior dos corpos, também aqui há ostras e outros bivalves coloridos que resistem petrificados por fora e convidam, sedosos, ao prazer do seu interior. Trata-se certamente de um elogio ao feminino semiaberto, expectante, disponível à vida. Pedra por fora, desenhada com as mesmas rugas espirais com que Deus desenhou o universo e mucosa por dentro, para cumprir o verdadeiro destino da criação material; material como *maternal*, que quer dizer radicado na mãe. E por ser radicado na mãe cumpre-se o desígnio do feminino "habitual e doméstico por alteridade ao masculino, mais ocupado com o inútil domínio dos ritos sagrados" (Marguerite Duras).

Se a obra de Paulo Neves começou por ser figurada, totémica, religiosa e masculina, acabaria por se apresentar ambiental, gráfica e plana, mais como textura que tece o vazio do que como figura que se impõe ao silêncio. No desassossego das formas, acabaria por recuperar o tema antigo da *morte e ressurreição* como que, invocando o fim a negro, pintou uma série de contentores, de onde emergiam pequenos seres embrionários; mas desta vez, vinte anos mais tarde, a morte deu lugar à sensualidade cromática de tons orgânicos e lisos como beringelas ou romãs, que contêm o nada do seu interior; e o nada, dizem os orientais, é o vazio e a máxima potencialidade onde se gera toda a vida.

se a obra de Paulo
Neves começou por
ser figurada, totémica,
religiosa e masculina,
acabaria por se
apresentar ambiental,
gráfica e plana, mais
como textura que
tece o vazio do que
como figura que se
impõe ao silêncio









biografia

Paulo Neves nasceu em Cucujães, Oliveira de Azeméis, em 1959. De 1978 a 1981 conviveu e trabalhou com diversos artistas em vários países da Europa.

Está representado no acervo do Museu de Arte Moderna do Porto; Museu de Arte Moderna, Ilha da Madeira; Museu Amadeo Souza-Cardoso; Museu da Electricidade e Casa da Luz, Funchal, Madeira; Museu de Lugo, Galiza, Espanha; Biblioteca Camilo Castelo Branco, Famalicao; Biblioteca Raul Brandão, Guimarães; Biblioteca Municipal de Ponte de Sor; Biblioteca Municipal de Santa Maria da Feira, Santa Maria da Feira; Casa da Cultura de Santa Cruz, Madeira; Universidade de Aveiro, Aveiro; Câmaras Municipais de S. João da Madeira, Vila Nova de Famalicão, Vouzela, Cascais, Braga, Esposende, Cantanhede, Sernancelhe, Ovar, Oliveira de Azeméis, Viseu, Penedono, Belmonte, Vale de Cambra, Santa Maria da Feira, Alfândega da Fé, lugar das Eiras, Câmara de Lobos, Viana do Castelo, "Monumento à Mulher", Alverca, Vila Franca de Xira, "Monumento à Liberdade", Estação de Caminhos de Ferro, Guimarães, Armação de Pêra, Vila Verde, Prado, Vila Pouca de Aguiar, Vinhais e Macedo de Cavaleiros; Juntas de Freguesia de Couto de Cucujães, Carcaveiros, Parede, S. João do Estoril, Birre, Canelas, Furadouro; Nogueira do Cravo; Felgueiras, S. Xisto, S. João da Pesqueira e Lugar da Quintá, Margaride, Felgueiras; Paços de Marinhá, Corunha, Espanha; Cidade de Maracanaú, Brasil; Pitesti, Roménia; San Sperate, Sardenha, Itália; Antuérpia, Bélgica; Santuário de Fátima; Capela do Seminário da Boa Nova, Valadares; Igrejas de Fernande, Felgueiras, de Baltar, Paredes; Fundação Jorge Antunes, Vizela; Banco Português do Investimento, Porto; Banco Borges & Irmão, Porto; Sonae, Porto; Pousadas da Enatur: Pousada de Arraiolos, Arraiolos, Pousada de Santa Maria do Bouro, Terras do Bouro; Hotel Riad Enija, Marrakeche, Marrocos; Porto Palácio Hotel, Porto; Termas das Caldas de S. Jorge, Santa Maria da Feira; Centro de Saúde de Sernancelhe; Avis Center, Porto; Vcaima, Vale de Cambra; Madeiporto, Porto; Recer, Ílhavo; Docosil, Penacova, Felgueiras; ICEP, Palácio da Bolsa, Porto; Águas do Douro e Paiva; Escola E.B. 2.3 de Pinheiro da Bemposta, Escola E.B. 2.3 Dr. Ferreira da Silva, Cucujães, Escola E.B. 2.3 Bento Carqueja, Oliveira de Azeméis, Escola Secundária nº 1, Dr. Serafim Leite, S. João da Madeira; Escola E.B. 2.3 de S. Roque; Associação Teatro Construção, Joane-Famalicao; Cemitérios de Famalicao, de Avanca, de Fantão, Felgueiras e de Beire, Paredes; O Liberal, Funchal, Madeira; Aeroporto Internacional do Porto Santo, Madeira; Hotel Porto Santo Madeira; Grupo Egor; Santo Tirso; Casa Mortuária de Moure, Felgueiras; Igreja de S. Jorge de Várzea; Santuário de Sta. Quitéria; Parque de estacionamento de Viana do Castelo; Igreja de Sto Andrião, Vizela; Igreja de Sto Estevão, Barrosas, Lousada; Mar shopping, Matosinhos; Casa da Cultura Barbot, Vila Nova de Gaia; praia de Gulpihares, Vila Nova de Gaia; Igreja Paroquial de Valongo, Valongo. Menção Honrosa no Concurso "Monumento ao 25 de Abril", promovido pela Câmara Municipal do Porto, em 1999. Ganhou concurso "Elementos Escultóricos e Baixos Relevos para a Revitalização da Zona Histórica de Viseu", promovido pela Câmara Municipal de Viseu, em 1999. Ganhou concurso para monumento ao Magriço, promovido pela Câmara Municipal de Penedono, em 2000. Concebeu o galardão para a revista "Saber Madeira/Açores - Magazine de Informação", em 1999. Concebeu os troféus para as Galas de Desporto, organizadas pela revista Plantel, em 2000 em Oliveira de Azeméis e em 2001 e em 2004, em S. João da Madeira. Menção Honrosa no Prémio Nacional de Escultura/ Homenagem a Aureliano Lima, Gaia, em 2000. Cenário da peça "Medusa", no âmbito do Imaginarius, Santa Maria da Feira, em 2002. Prémio Águas do Minho e Lima, XIII Bienal de Cerveira Prémio aquisição XIV Bienal de Cerveira. Fundação Eugénio de Almeida. Soares da Costa. União Fenosa. MACUF. Vila Pouca de Aguiar. Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros. Câmara Municipal de Vila Pouca. Universidade La Salle, campus Madrid. Land Art, Gaia. Câmara Municipal de Chaves. Câmara Municipal de Ílhavo. Bélví Sardanha, Itália. IKEA, Matosinhos. Câmara Municipal Vila Nova de Cerveira. Hotel Cliff Bay, Madeira. Museu Biedermann, Alemanha. Parque de Castrelos, Jardins do Paço, Vigo, Espanha. Mercado Elviña, Corunha, Espanha. Casa da Cultura, Ovar. Union Fenosa Museu Arte Contemporânea.

Exposições Individuais

1980 Câmara Municipal de S. João da Madeira
1981 Museu de Lagos
1986 Sala Atlântica, Galeria Nasoni, Porto
1987 Cooperativa Árvore, Porto
1988 Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis
Galeria Manifesto, Chaves
Jardins da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão
1989 Galeria Santa-Rita Pintor, Paços de Ferreira
Galeria Múltiplo, Espinho
Galeria K61, Amsterdão, Holanda
Galeria de Arte Moderna, S.N.B.A., Lisboa
1990 Galeria da Universidade, Museu Nogueira da Silva, Braga
1991 Galeria Vasco Fernandes, Viseu
Galeria Labirinto, Porto
Galeria 1.3.5., Braga
Galeria Ara, Lisboa
1992 Galeria da Praça, Porto
Biblioteca Municipal Raul Brandão, Guimarães
Clérigos Shopping, Porto
Biblioteca Municipal de Póvoa de Varzim
1993 Câmara Municipal de Fafe
Jardim do Palácio das Galveias, C.M.L., Lisboa
Galeria da Universidade, Museu Nogueira da Silva, Braga
1994 Galeria Degrau Arte, Porto
Biblioteca Municipal de Abrantes
Museu da Guarda
1995 Galeria Santa Clara, Coimbra
Cooperativa Árvore, Porto
Galeria Quattro, Leiria, Galeria Aronis, Fafe
1996 "À Volta da Mesa", Galeria Ara, Lisboa
1997 Galeria Minimal, Porto
Museu Amadeo Souza-Cardoso, Amarante
Biombo, com José Emíldio, Cooperativa Árvore, Porto
1998 Galeria Gomes Alves, Guimarães
Centro Cultural de Belém, Pequeno Auditório
21 Escultura, Sátira, Porto
Shopping Cidade do Porto, Porto
Galeria Degrau Arte, Porto
Galeria da Universidade, Museu Nogueira da Silva, Braga
1999 Galeria Grade, Coimbra
Universidade de Aveiro, Aveiro
Sociedade Portuguesa da Autores, Lisboa
Editora O Liberal, em paralelo com lançamento do livro retrospectivo dos 20 anos de escultura do artista, Funchal
Biblioteca Municipal de Esposende
Biblioteca Municipal de Ponte de Sor
2000 Galeria Ara, Lisboa
Museu de Vouzela
Biblioteca Municipal de Ovar
Galeria Minimal, Porto
Museu da Electricidade e Casa da Luz, Funchal, Madeira
2001 Biblioteca Municipal de Santa Maria da Feira
Gala da Revista "Saber Madeira/Açores – Magazine de Informação", S. Miguel, Açores
2002 Galeria Valbom, Lisboa
Casa da Cultura de Cabeceiras de Basto
2003 Galeria Arthobler, Porto
Galeria Menardie, Berlim, Alemanha
Galeria Ao Quadrado, Santa Maria da Feira, *Imaginarium*
Galeria Gomes Alves, Guimarães
Pousada de Santa Marinha da Costa, Guimarães
2004 Galeria Valbom, Lisboa
Galeria Degrau Arte, Porto
Esculturas 2004, Galeria Rui Alberto, Teatro de Vila Real
2005 Museu de Maceira de Cambra, Vale de Cambra, no âmbito do Dia Internacional dos Museus
Galeria Arthobler, Porto
2006 Galeria Valbom, Lisboa
Museu Alberto Sampaio, Guimarães
Casa da Cultura, Macedo de Cavaleiros
Museu de Lugo, Espanha
Galeria Ao Quadrado
2007 Centro Cultural de Cascais
Galeria Municipal de Matosinhos
2008 Biblioteca Municipal de Santa Maria da Feira
Galeria Arthobler, Porto
2009 Centro de Artes Calheta, Madeira
Galeria Tomás Costa, Oliveira de Azeméis
Casa Museu Teixeira Lopes
Galeria Jornal de Notícias, Porto
Galeria Diário de Notícias, Lisboa
2010 Museu Amadeo Souza-Cardoso, Amarante
Galeria da Câmara Municipal de Barcelos
ACERT, Tondela
2011 Museu do Vinho, Anadia
Arthobler, Porto
Biblioteca Municipal de Santa Maria da Feira
Galeria A+B, La Guardia, Espanha
Galeria Citania, Santiago de Compostela, Espanha

Exposições Colectivas

1985 I Bienal de Escultura ao Ar Livre, Caldas da Rainha
1986 Salão dos Independentes, Paris, França
Esculturas no Jardim da Delegação Regional do Norte, SEC, Porto
III Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa
III Bienal de Vila Nova de Cerveira
Bienal dos Jovens Criadores dos Países Mediterrânicos, Salónica, Grécia
1987 ARCO 87, Galeria Nasoni, Madrid, Espanha
II Bienal de Escultura, Caldas da Rainha
Marca 87, Feira de Arte Contemporânea, Funchal, Madeira
1988 Arte Portuguesa, Cascais 88
Galeria Arcádia, Lisboa
Forum de Arte Contemporânea, Galeria Nasoni, Lisboa
I Mostra de Escultura ao Ar Livre, Amadora
1989 Salão de Verão, S.N.B.A., Lisboa
III Bienal de Escultura, Caldas da Rainha
II Mostra de Escultura ao Ar Livre, Amadora
1990 Jovens Artistas, Santuário de Fátima, Fátima
Galeria de Lagos, Lagos
Museu Regional de Oliveira de Azeméis
1991 IV Bienal de Escultura, Caldas da Rainha
Galeria Ara, Lisboa
1992 Amnistia Internacional, Galeria Labirinto, Porto
Galeria Degrau Arte, Porto
1993 Arte Contemporânea, Artistas do Norte de Aveiro
Feira do Livro, Porto
Artistas Portugueses, Maputo, Moçambique
1994 Galeria Por Amor à Arte, Porto
Galeria Tejo, Lisboa
Galeria Fernando Santos, Porto
Cooperativa Árvore, Porto
1995 Arte Jovem, Maia
VIII Bienal Internacional de Vila Nova de Cerveira
Banco Borges & Irmão, Viana do Castelo
FAC 95, Galeria Ara, Lisboa
Amigos do Coliseu, Porto
Galeria de Lagos, Lagos
1996 Diver(s)idades, S.N.B.A., Lisboa
Lusocromia, Galeria Santa Clara, Coimbra 1º Encontro Internacional de Escultura, Braga
Galeria Mário Sequeira, Braga
II Bienal de Arte AIP 96
FAC 96, Galeria Ara, Matosinhos
1997 1º Festival de Escultura da Costa Nova, Aveiro
IX Bienal Internacional de Vila Nova de Cerveira
Galeria Quattro, Leiria
Galeria Minimal, Porto
2º Encontro Internacional de Escultura, Braga
Galeria Mário Sequeira, Braga
Prémio Amadeo Souza-Cardoso, Museu Amadeo Souza-Cardoso, Amarante
I Bienal de Arte, Leiria, Artista Convidado
FAC 97, Galeria Ara, Lisboa
1998 Galeria André Soares, Braga
Encontro de artistas subordinado ao tema "A Criança e o Ambiente", promovido pela Secretaria Regional da Educação da R.A.M., Funchal
Átrio da Câmara Municipal do Funchal
"Maus Hábitos", Casa das Artes de Tavira, Tavira
Galeria Minimal, Porto
III Bienal de Arte AIP 98
1999 Centro Cultural de S. Lourenço, Almandil
Junta de Freguesia de Ossela, Oliveira de Azeméis
I Simpósio de Escultura de Cantanhede
Festival da Pedra e do Ambiente, Sernancelhe
I Simpósio de Escultura de S. Pedro do Sul
X Bienal Internacional de Vila Nova de Cerveira
Prémio Amadeo Souza-Cardoso, Museu Amadeo Souza-Cardoso, Amarante
FAC 99, Galeria Minimal, Lisboa
2000 XXXIV Prix International d'Art Contemporain de Monte-Carlo, Fondation Prince Pierre de Monaco, Monaco
Câmara Municipal do Montijo, Montijo
Galeria Ao Quadrado, Santa Maria da Feira
Câmara Municipal de S. João da Madeira
Euro Point Euro Mundo - A Europa pinta para as crianças com cancro, Alemanha
Lugar(es) do Corpo, Galeria Municipal de Montijo
Atelier de Escultura - A Forma e o Granito, Belmonte
I Simpósio Internacional de Escultura de S. João da Madeira
Prémio Nacional de Escultura/Homenagem a Aureliano Lima, Mosteiro da Serra do Pilar, Vila Nova de Gaia
FAC 2000, Galeria Minimal, Lisboa
2001 Mote e Purificação, S.N.B.A., Lisboa
Galeria Grade, Aveiro
Eixo Atlântico, Baiona, Espanha
Exposição de rua na Rua da Restauração, no âmbito do Porto 2001, Capital Europeia da Cultura

ARCO 2001, Galeria Minimal, Madrid, Espanha
Citações/Situações, Biblioteca Municipal do Porto, no âmbito do Porto 2001, Capital Europeia da Cultura
III Festival de Gravura, Évora
Criação de brinquedos, Fundação para o Desenvolvimento do Vale de Campanhã, Porto
XI Bienal Internacional de Vila Nova de Cerveira
Prémio Amadeo Souza-Cardoso, Museu Amadeo Souza-Cardoso, Amarante
FAC 2001, Galeria Minimal, Lisboa
Galeria Sacramento, Aveiro
2002 New York Independent Art Fair, Nova Iorque, E.U.A.
Prémio Vespeira, VII Bienal de Artes Plásticas "Cidade de Montijo"
100 anos 100 artistas, S.N.B.A., Lisboa
2003 FAC 2003, Galeria Arthobler; Galeria Ao Quadrado, Porto
II Simpósio de Alfândega da Fé
XII Bienal Internacional de Vila Nova de Cerveira, Artista Convidado
Prémio Amadeo Souza-Cardoso, Museu Amadeo Souza-Cardoso, Amarante
2004 Maus Hábitos, Porto
Colectiva de Galerias, Galeria Arthobler, Vila Nova de Cerveira
Prémio Baviera, Vila Nova de Cerveira
XXte Salon de Printemps, Ozoir-la-Ferrière. Com Moebius. Convidado pela Câmara Municipal de Esposende
"Música inspira artistas plásticos", Departamento de Comunicação e Arte, Universidade de Aveiro
Simpósio Internacional de Escultura em Pedra, de Câmara de Lobos, Madeira
I Simpósio Internacional de Escultura em Madeira, Oliveira de Azeméis
I Simpósio Internacional de Escultura de Penafiel
Simpósio Internacional de Escultura, Pitesti, Roménia
Museu Aberto, Monsaraz
Galeria Arthobler, Porto
Arte de Mãos Dadas, Paço da Cultura da Guarda
No Arte, San Sperate, Sardenha, Itália
2005 Biblioteca Municipal de Santa Maria da Feira, subordinada ao tema "500 anos das Fogaceiras"
Simpósio Internacional de Vila Verde
Simpósio comemorativo do 5º aniversário da passagem das muralhas de Lugo a Património Mundial
Simpósio de Sernancelhe
Simpósio de Silves, Armação de Pêra
XIII Bienal de Cerveira
Prémio Amadeo Souza-Cardoso, Museu Amadeo Souza-Cardoso, Amarante
Galeria José Lourenço, Santiago de Compostela, Espanha
FAC 2005, Galeria Arthobler; Galeria Valbom; Galeria Quatro, Lisboa
2006 Simpósio Internacional de Escultura Passos Marinhá, Corunha, Espanha
Simpósio Internacional de Vinhais, Bragança
Arte na Planície, Torres Novas
Bienal Internacional Fenosa, Corunha, Espanha
Centro de Escultura de Candás, Museu Antón Candás, Candás, Espanha
Simpósio de Escultura em granito, Vila Pouca de Aguiar
FAC 2006, Galeria Arthobler; Galeria Valbom
2007 Galeria Arthobler
Museu de arte contemporanea União Fenosa
Mosteiro de Xagauça Espanha
Encontro de escultores. Fund. Eugénio de Almeida Évora
Simpósio de escultura Soares da Costa
Galeria Ao Quadrado
Centro de escultura de Candás, Espanha
Onze esculturas para Eugénio de Andrade
"Escultura com Afectos" Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa
2008 Dez escultores contemporâneos" C. C. de Ílhavo
Simpósio de escultura, Universidade La Salle, Madrid
2008 Figuras e Figurados, Lisboa IESP
Olhar Picasso, Portimão
Galeria Mouraria, Madeira
Arte Lisboa
2009 Casa da Cultura, Macedo de Cavaleiros
Bienal de Cerveira
Galeria de Arte Contemporânea, Fão
2010 Antarte com Carlos Magno, Porto
Galeria Valbom, Lisboa
Galeria Clérigos, Lugo, Espanha
LandArt, Cascais
Parque de Castrelos, Vigo, Espanha
Feira de Munique, Galeria Arthobler, Alemanha
Feira de Vigo, Galeria A+B, Espanha
Union Fenosa, Museu de Arte Contemporanea, Espanha
2011 Caja de Estremadura, Espanha
Feira de Arte Contemporânea, Galeria Arthobler, Barcelona

ficha técnica

créditos fotográficos

David de Almeida p. 12
Frederico Martins pp. 50, 51, 56, 57, 58,
59, 60, 61, 62, 63, 66, 67.
Guilherme Carmelo pp. 24, 25.
João Paulo Martins pp. 30, 31
Josef Kaempf pp. 64, 65, 70, 71, 74,
75, 76, 77.
Luís Ginja pp. 6, 7.
Luís Pedrosa pp. 20, 21, 52, 53.
Paulo Neves pp. 13, 28, 29.
Pedro Neves pp. 10, 11, 16, 17, 18, 19,
26, 27, 30, 31, 34, 35, 36, 37, 40, 41,
42, 43, 44, 45, 48, 49, 72, 73, 76, 77.

texto

Francisco Providência

design

Providência Design

impressão

Norprint

edição

Paulo Neves,
Porto, Primavera '11

isbn

978-989-20-2470-7

depósito legal

328479/11